

O PERCURSO HISTÓRICO DA GRAMÁTICA NO BRASIL, OBSERVAÇÕES SOBRE O ADVÉRBIO

Wagner Assen (UEMS)
wagner.assen@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se traçar observação e análise sobre as características gramáticas do século XIX. Especificamente num panorama comparativo dos autores Ismael de Lima Coutinho, Francisco Sotero dos Reis, Frei Caneca, Charles Grivet e Maximino Maciel, sobretudo no que tange a divisão conceitual entre gramática filosófica e científica. Suas respectivas postulações sobre o advérbio, suas considerações diferentes sobre os conceitos gerais de estudo da língua. Este artigo é resultado de pesquisas realizadas no doutorado em Letras, Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na disciplina de Textos Seminais ministrada pelo professores Dr. Alexandre Ribeiro, primeiro semestre de 2018.

Palavras-chave:

Advérbio. Gramática histórica. Textos seminais.

1. Introdução: Explicações iniciais e conceitos

Na tentativa de se encontrar uma definição conceitual e geral de gramática é necessário, sobretudo, entender que não há conceitos únicos, visto que esta seria de certo modo polissêmico, e inerente à perspectiva analítica e contexto temporal e objetivos. A gramática pode ser definida como um sistema geral que organiza a língua, no entanto pode ser a ciência que estuda os sistemas dessa mesma língua, já no que se refere a perspectiva histórica, por exemplo, envolve uma série diferente de concepções. Aponta Cristiano Jesuita (2014) como prova desta dificuldade que

A produção gramatical brasileira nas últimas décadas do século XIX reflete essa dificuldade, pois, como acreditamos, a relação das concepções da gramática geral e filosófica com as inovações do método histórico-comparativo são mais complexas do que o desaparecimento de uma e o surgimento de outra. (CRISTIANO JESUITA, 2014)

Cavaliere e Fávero & Molina postulam posicionamentos iguais sobre as reflexões gramática no Brasil, dividem este processo em duas partes: os de caráter filosóficos e as gramáticas gerais, racionalistas. Todo processo de pensamento linguístico no Brasil fora concebido e norteado por transições e rupturas constantes em suas definições conceituais, e na contempo-

raneidade definir tais conceitos de maneira única ainda é difícil. Num primeiro momento, a gramática confundiu-se com a lógica, no entanto, desvincula-se desta para definir seu próprio território no campo dos conhecimentos humanos, adquirindo estatuto de ciência autônoma.

Ao considerar o norte de uma observação cronológica, a gramática pode ser diacrônica ou sincrônica conforme o ponto de vista das preocupações linguísticas adotadas para a exposição dos fenômenos da linguagem verbal, sendo que no âmbito da diacronia se fixa à gramática histórica e a comparativa que se desenvolveram a partir do século XIX, a exemplo de nomes proeminentes da teoria linguística alemã. A citar a relação teórico-metodológica exemplificada no quadro comparativo dedicado a Maximino Maciel. A Gramática histórica é definida como sendo a apresentação sistemática da história interna de uma língua, enquanto que a comparativa seria a aplicação sistemática do comparatismo a uma família linguística, restrita ou lata (CAMARA JR., 1984, p. 130).

Dentre os critérios a considerar na definição de gramática é o teórico, que deve surgir da inserção da gramática nos domínios da sincronia. Sendo assim, podemos dizer que existe a gramática geral e a gramática específica. O estudo dos princípios linguísticos é feito pela gramática geral, enquanto que a específica trata de um sistema organizado de fatos linguísticos de um determinado idioma, a qual busca expor tudo o que especificamente lhe diz respeito. É dentro da gramática específica que se pode aprimorar ainda mais a definição de gramática utilizando um terceiro critério, o metodológico, que se podem compreender mais dois tipos de gramáticas, a descritiva e a normativa.

Sendo assim, o breve relato a respeito do conceito de gramática, podemos citar a Gramática Histórica de Ismael de Lima Coutinho que se insere no âmbito da diacronia, viés conceitual das gramáticas históricas e comparativas. Foram esses os dois conceitos de gramática que tiveram maior reputação a partir de meados do século XIX com o reconhecimento das teorias positivistas dos neogramáticos.

A gramática histórica é conceituada “como a ciência que estuda os fatos de uma língua, no seu desenvolvimento sucessivo desde a origem até a época atual”. Pois em sua teoria, o objeto da gramática histórica é mais amplo do que da Gramática Expositiva, Descritiva ou Prática, já que, enquanto esta estuda o estado atual das línguas, a outra busca no passado à origem, remetendo-se ao período de formação para tornar claras as trans-

formações que essa mesma língua passou em sua evolução através do espaço e do tempo.

Não sendo obras do acaso ou resultados de modismo ou caprichos dos falantes, mas antes obedecendo a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos. Partindo da observação da persistência e da regularidade das mudanças é que os gramáticos formularam os princípios e leis, formando o objeto de estudo da gramática histórica. Coutinho (1976, p. 13) afirma com certeza que, entre a gramática histórica e a gramática descritiva existe uma relação de natureza íntima em que elas complementam uma a outra. O que a gramática descritiva apresenta como exceção ou irregularidade, a gramática histórica explica com base em leis e princípios.

A partir da década 1930 declara-se um novo período de estudos da língua portuguesa que leva a novos rumos a produção de gramáticas no cenário brasileiro e se estende até por volta da década de 1960, sendo considerado período de transição, caracterizado por uma abordagem histórico-comparativa da fase anterior e por uma futura perspectiva estruturalista.

Fase esta marcada pelo distanciamento das teorias positivistas que não só orientou o comparatismo histórico, mas também a assimilação parcial das propostas estruturalistas já pronunciadas nos estudos linguísticos no Brasil a partir da década de 1940, e verificando a data de publicação da primeira edição de Pontos de Gramática Histórica, atualmente Gramática Histórica, de Coutinho, notamos que ela está situada nesse contexto.

A época dos neogramáticos ficou conhecida na segunda metade do século XIX, onde um grupo de linguistas da Universidade de Leipzig tentava introduzir na Linguística Histórica princípios positivistas que vigoravam na época nas ciências e na filosofia. Os linguistas mais destacados são Brugmann, Leskien e Osthoff, que no início eram chamados dessa forma por escárnio, e com o passar do tempo “os neogramáticos ganharam espaço no universo acadêmico da época propugnando um programa que afrontava ostensivamente as orientações comparativistas vigentes (ILARI, 2006, p.19)”.

Apontado também por Cavaliere, como a data inicial do movimento neogramático, no ano de 1878, foi publicado o primeiro número da revista *Morphologischen Untersuchungen* (Investigações morfológicas) criado por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919). No prefácio

dessa revista, assinado pelos autores, é considerado como o manifesto neogramático.

Nos pressupostos de Todorov e Ducrot (1997, p. 23), de acordo com os neogramáticos, a Linguística Histórica deveria ser explicativa, descobrindo também as causas não se contentar com a constatação e descrição das mudanças, sendo de cunho positivo, procurando na atividade dos sujeitos falantes, justificativas que ao falar uma língua, transformam-na. Para ser bem sucedida a pesquisa das causas necessita-se estudar de preferência as mudanças que se acontecem em um tempo determinado, e em vez de comparar estado de línguas muito distantes, tomar como objeto de estudo a passagem de um estado ao outro seguinte.

Deveria ser estudado primeiro a ordem articulatória, como é o caso das “leis fonéticas” que são passíveis de serem explicadas fisiologicamente, sendo que sua ação é absolutamente mecânica (cega), a mudança operada em determinado estado, afeta todas as palavras, sem exceções, independentes da sua situação semântica ou gramatical própria.

Comparados aos gramáticos comparativistas, os neogramáticos modernizaram esse conceito, pois as exceções que apareciam eram analisadas como indícios de uma lei ainda não conhecida. A causa psicológica sendo um segundo tipo, poderia ser explicada pela tendência à analogia baseada nas leis de associação de ideias, em que os falantes tendem agrupar palavras e frases em classes cujos elementos se assemelham tanto pelo som quanto pelo sentido, criando assim palavras que podem enriquecer tais classes.

O surgimento da linguística como ciência se deu pelo rigor e objetividade da descrição sistemática das línguas, sendo que a partir desse momento iniciaram os esquadrinhamentos a respeito da evolução da língua portuguesa, utilizando o método da gramática histórica e comparativa nas línguas românicas.

Diante disso, na metade do século XIX, utilizando os modelos das obras dos neogramáticos e a relevância que eles davam às modificações fonéticas, surgiram as gramáticas históricas de autores como Konrad Koerner, no âmbito da sintaxe histórica, detalhes da mudança que fica exemplificado no quadro do capítulo três.

Divide-se este trabalho de conclusão de disciplina em três partes, sendo a primeira de explanação introdutória geral, a segunda uma abordagem específica dos estudos de Grivet e a terceira e última contém o quadro

explicativo das divisões e especificações conceituais de gramáticos escolhidos e o tratamento do advérbio.

2. A gramática de Charles Adrien Olivier Grivet

Desde o início de seu texto Grivet marca as diferenças de suas pesquisas em relação aos outros teóricos. Purista conservador se insere no período de transição do período filosófico e científico. Distancia-se das postulações da gramática filosófica demarcando seu âmbito teórico na corrente científica. Seus estudos primam pelas marcas de incorreções do uso da língua, tendo como principal destino professores e acadêmicos. Elaborando estudo sistemático dos clássicos o autor aponta objetivamente a “decadência da linguagem”, tinha a valorização da norma como fator de prestígio, algo que se perpetua até os dias de hoje, imitação dos clássicos.

Dentre as definições sobre o fazer gramático, definira então como arte de falar e escrever corretamente”, de caráter purista desde então havia o apego categórico à tradição. Intitulada Nova Grammatica Analytica da Língua Portuguesa, de Charles Adrien Olivier Grivet, publicada em 1881, define sua própria obra como

Esta obra, pela robustez da lógica e pela vasta erudição que a rege desde o princípio até o fim, destaca-se completamente de todas as outras de igual natureza até hoje conhecidas. Classificadas as matérias segundo as mais vigorosas exigências da linguagem, cada parte é tratada com magistral proficiência. As regras, ampla e claramente expostas, são sempre acompanhadas de valiosíssimas reflexões sobre a sua aplicação, sendo estas corroboradas, a cada passo, pelo exemplo autoridade dos escriptores clássicos de melhor nota; e assim firmadas, tanto as regras como a sua genuína aplicação, põem naturalmente em relevo as incorreções que o uso tem pouco a pouco introduzido na pratica (Sic). (GRIVET, 1881; XIX)

Quanto a quem se destina a obra teórica, o autor também deixa claro, evidente e bem especificado:

Offerecendo á consideração dos mestres esta nova grammatica, comprazome na esperança de que lhe achem os requisitos que faltavão á que publiquei em 1865, para que fosse um bom livro escolar, e nella encontrem mórmente, além de um tratad completo sobre a materia, o methodo mais apropriado para a introdução, nas aulas, do estudo systematico dos clássicos, sem o qual, por mais que se faça, a regeneração da linguagem não passará de uma aspiração chimerica (Sic). (GRIVET, 1881; XV)

No que tange ao *corpus* de análise escolhido pelo autor, constam

cinquenta autores, dentre eles P^o Antônio Vieira, P^o Manoel Bernardes, Duarte Nunes Leão entre outros, a considerar que nenhum destes brasileiros. Sua obra se divide em cinco partes gramática, o que difere das gramáticas anteriormente publicadas que se dividiam em quatro partes: lexicologia; sintaxe; ortografia; prosódia; pontuação.

Enumera-se as definições e conceitos sobre as cinco partes de seguinte forma:

- 1) lexicologia é a parte da gramática que ensina a natureza e as formas da palavra;
- 2) sintaxe é a parte que assinala as relações que entre elas ocorrem na enunciação do pensamento;
- 3) ortografia é a parte que determina o modo mais acertado de escrever palavras;
- 4) prosódia é a parte que trata de sua pronúncia métrica;
- 5) pontuação é a parte da gramática que regula a separação dos pensamentos escritos por meio de sinais marcando as pausas naturais da elocução.

Para distinguir as diferentes classes de palavras, o gramático recorre a critérios sintático-semânticos e ao da declinabilidade ou variação.

As variáveis: verbo, substantivo, artigo, adjetivo, pronome e particípio.

As invariáveis: preposição, advérbio, conjunção e interjeição.

- Verbo: palavra que enuncia o fato.
- Substantivo: palavra que designa entes ou abstrações.
- Artigo: palavra que, antepondo-se essencialmente aos substantivos, e acidentalmente a pronomes ou mesmo a verbos no infinitivo confere-lhes um sentido preciso.
- Adjetivo: palavra que acrescenta medita ou imediatamente aos substantivos ou pronomes ou mesmo a verbos no infinitivo para os qualificar ou determinar.
- Pronome: palavra que, dispensando a frequente reprodução dos substantivos, supre-os em todas as funções.
- Particípio: palavra que, precedendo o verbo, coadjuva-o na conjugação, ou porta-se como mero adjetivo junto a substantivos ou pronomes.

- **Preposição:** palavra que se antepõe essencialmente a substantivos, pronomes ou verbos no infinitivo, e acidentalmente a advérbios para marcar uma relação.

- **Advérbio:** palavra que se junta a um verbo, participípio, adjetivo, ou até outro advérbio, para modificar-lhes o alcance de significação.

- **Conjunção:** palavra que liga partes de uma oração, ou orações completas, para denunciá-las como conexas ou opostas.

- **Interjeição:** palavras que implicitamente abrange todos os elementos de uma proposição ou pensamento.

Quanto às definições de Sintaxe, para ele, “Syntaxe é a theoria das funções que as palavras exercem na enunciação dos pensamentos, e das relações que dahi entre ellas occorrem. Do cotejo da primeira com a segunda”. Este capítulo da gramática de Grivet se organiza a partir das funções que os termos exercem na proposição, por esse motivo a obra não apresenta a tradicional divisão formal da sintaxe em sintaxe de regência, sintaxe de concordância, sintaxe de construção. Segundo Grivet, as palavras podem exercer sete diferentes funções: fato, sujeito, complemento direto, complemento indireto, predicado, aposição e ligação, e assim se definem e se organizam:

- O FACTO fica enunciado por um verbo, e só por um verbo em um dos quatro modos outros que o infinitivo;
- O SUJEITO essencialmente por um substantivo ou ura;
- Pronome, acidentalmente por um infinitivo;
- O COMPLEMENTO DIRECTO, promiscuamente por um substantivo ou um pronome, o separadamente por um infinitivo;
- O COMPLEMENTO INDIRECTO, explicitamente por um substantivo, um pronome, um infinitivo ou uma locução adverbial, implicitamente por um advérbio;
- O PREDICADO, essencialmente por um adjectivo ou um participípio variavel, acidentalmente por um substantivo, um pronome ou um infinitivo;
- A APPOSIÇÃO, essencialmente por um artigo, um adjectivo ou um participípio variavel, acidentalmente por um substantivo, um pronome ou um infinitivo;
- A LIGAÇÃO, isoladamente por uma conjunção ou locução conjunctiva, contractamente por todo o pronome adjectivo ou advérbio implicando ostensiva ou disfarçadamente QUE ou SE.
- Considerados nas especies de palavras que os produzem, os sete termos syntaxicos se distribuem como se segue:
- O VERBO fornece, nos quatro primeiros modos, o facto, só o facto; no infinitivo fornece um sujeito, um complemento directo ou indirecto, um predicado ou uma aposição.

- O SUBSTANTIVO fornece um sujeito, um complemento directo ou indirecto, um predicado ou uma apposição.
- O ARTIGO fornece uma apposição, e só uma apposição.
- O ADJECTIVO fornece um predicado ou uma apposição.
- O PRONOME fornece um sujeito, um complemento directo ou indirecto, um predicado ou uma apposição.
- O PARTICÍPIO fornece um predicado ou uma apposição quando não constituo com um auxiliar uma locução verbal indivisível.
- A PREPOSIÇÃO fornece uma relação, porém relação sem alcance apreciável enquanto não sahe expresso o regime sobre o qual Ella actúa, e, com o qual constituo um complemento indirecto.
- O ADVERBIO fornece um complemento indirecto implicito.
- A CONJUNÇÃO fornece uma ligação.
- Enfim, fóra dos sete termos, a interjeição fornece a *exclamação*, isto é, a ultima das cinco figuras de syntaxe, de que mais adiante se trata.

Em linhas gerais, as considerações feitas acima sintetizam a obra de Grivet, sua importância e considerações introdutórias sobre o falar bem.

3. *Quadro comparativo*

Quadro comparativo das Gramáticas no Brasil no século XIX

	FASE FILOSÓFICA		FASE CIENTÍFICA	
	Gramática Francisco Sotero dos Reis	Gramática Frei Joaquim do Amor Divino Caneca	Gramática Charles Grivet	Gramática Maximino Araújo Maciel
Título da Obra	Grammatica Potugueza	Breve compendio de Grammatica Portugueza	Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza.	Grammatica / Descriptiva
Data da Publicação	Publicação em 1. 1866 2. 1871	Publicação em 1817 e 1819.	Publicada em (1865/1874) 1881.	1. Primeira publicação em 1887 2. Segunda edição em 1894 3. Quinta edição 1914.
Conceito de Gramática	“É a ciência dos princípios imutáveis e gerais da palavra pronunciada ou escrita em todas as	“Gramática é a arte de reduzir a regras os princípios comuns de todas as línguas.” (p. 29)	“Gramática é a arte de falar e escrever corretamente (...) (GRIVET, 1881:1)	“Gramática é a o tratado dos fatos e dos fenômenos da linguagem em todas as suas

	<p>línguas. A arte de aplicar aos princípios imutáveis e gerais da palavra as instituições arbitrárias e usuais de qualquer língua. (p. 5)</p>			<p>manifestações exteriores. [...] gramática pode o estudo circunstanciado e metódico dos fenômenos e das leis da linguagem humana.”</p>
<p>Divisão das Partes da Gramática</p>	<p>Duas únicas divisões 1. Geral 2. Particular</p>	<p>Em quatro partes: 1. Etimologia. 2. Ortografia. 3. Prosódia. 4. Sintaxe.</p>	<p>Divisão em 5 partes: 1) Lexicologia 2) Sintaxe 3) Ortografia 4) Prosódia 5) Pontuação</p>	<p>Divisão em :</p> <p>1. Fonologia 2. Lexicologia 3. Sintaxiologia 4. Semiologia</p>
<p>Princípios Teóricos de Base e observações gerais.</p>	<p>Seguindo os princípios dos antigos gramáticos podendo ser inserida no período empírico, delimitado por Nascentes. Antecedeu à grande irradiação do modelo histórico-comparativo.</p>	<p>1. escrita na prisão. 2. Objetivo: a) ser prescritiva b) elucidar a natureza da linguagem. 3. adesão aos pragmáticos</p>	<p>1. Purista conservador se insere no período de transição do período filosófico e científico. 2. Distanciam-se das postulações da gramática filológica demarcando seu âmbito teórico na corrente científica. 3. Seus estudos primam pelas marcas de incorreções do uso da língua, tendo como principal destino professores e acadêmicos.</p>	<p>1. influência dos estudos de Max Muller, Michel Bréal e Whitney. 2. baseada nas doutrinas modernas; naturalista e comparativa. 3. sistematização dos estudos do significado das palavras, inserção no quadro sinótico da gramática.</p>

	FASE FILOSÓFICA		FASE CIENTÍFICA	
	Gramática Francisco Sotero dos Reis	Gramática Frei Joaquim Caneca	Gramática Charles Grivet	Gramática Maximino Araújo Maciel
Definições Importantes	<p>Gramática geral: é a ciência dos princípios imutáveis.</p> <p>Gramática particular; é a arte da aplicação dos princípios imutáveis.</p>	<p>Na Etymologia-reafirma ser “o nome uma palavra que dá a conhecer alguma cousa”; pode ser substantivo e adjetivo. O substantivo “dá a conhecer a substancia da cousa” e o nome adjetivo, “a qualidade da cousa”.</p> <p>Tal como a Grammaire de Port-Royal, os substantivos podem ser divididos, quanto à carga extensional “do conceito de que são o signo emproprios e communs”.</p> <p>Quanto aos adjetivos diz serem eles “palavras para designarem os atributos e as qualidades das substancias: daí a origem dos adjectivos – isto é, palavras que se ajuntam aos nomes para mostrar-lhes as qualidades”. (p. 25)</p> <p>Ao verbo (incluindo o particípio) dedica aproximadamente 45% de sua obra sem</p>	<p>1) Lexicologia é a parte da gramática que ensina a natureza e as formas da palavra. 2) Sintaxe é a parte que assinala as relações que entre elas ocorrem na enunciação do pensamento. 3) Ortografia é parte que determina o modo mais acertado de escrever as palavras. 4) Prosódia é a parte que trata de sua pronunciação métrica. 5) Pontuação é a parte da gramática que regula a separação dos pensamentos escritos por meio de sinais marcando as pausas naturais da elocução.</p>	<p>1. Morfologia: tratado da palavra organicamente considerada, em relação aos elementos materiais ou formas exteriores. 2. Taxionomia: classificação das palavras em grupos segundo as categorias lógicas a que correspondem. 3. Ptoseonomia: tratado da flexão das palavras. 4. Oração/ sintaxologia: tratado das palavras coletivamente, nas funções e relações.</p>

		apresentar novidades. Diferentemente da Gramática Filosófica (por exemplo, as de Soares Barbosa e Moraes e Silva) conceitua verbo como “uma palavra que significa ação, que alguém pratica ou recebe”. (p. 33)		
	FASE FILOSÓFICA		FASE CIENTÍFICA	
	Gramática Francisco Sotero dos Reis	Gramática Frei Joaquim Caneca	Gramática Charles Grivet	Gramática Maximino Araújo Maciel
Visão de Fávero e Molina	Recebeu diversas críticas de Grivet. “Nesse período a gramática é considerada um arte, na continuidade da conceituação oriunda do modelo greco-latino, ofício, habilidade, autor retoma a essas definições.”	Não adota, como consequência de seguimentos partidários da gramática-filosófica (Soares Barbosa é seu grande inspirador), para os quais a oração é a unidade de análise, a distinção da retórica clássica entre “figura e in verbis singulis” e “figurae in verbisconiunctio”, isto é, desvios produzidos nos limites da palavra e os produzidos nos limites da oração (distinção comum entre os gramáticos, como Nebrija). A gramática de Frei Canecapouco ou nada apresenta de novo, limitando-se a seguir os que o antecederam, inse-	Arsé a tradução do grego. Aristóteles, na Metafísica atribui ao termo o sentido de ofício, habilidade para fazer algo; arte-são é o que possui essa habilidade e conhece as coisas pelos efeitos, não causas. Dionísio chamou sua obra de arte gramatical, por não ser ela especulativa, mas prática. (Fávero, 2001:61)	Obra de extrema simetria, visto seu posicionamento a morfologia e seus subníveis no mesmo plano. Preocupação do autor com a questão didática, já que iniciar um assunto e finalizá-lo com um quadro resumitivo auxiliaram, para a melhor fixação da matéria. (Fávero e Molina, 2006);

		rindo-se na voga.		
Visão de Cavaliere	Sem considerações.	Sua projeção histórica deve-se à marcante participação no movimento revolucionário que visava à emancipação de Pernambuco como nação soberana. Verifica-se como evidente sua adequação aos princípios da gramática racionalista então em voga. (p. 70)	Segundo Cavaliere (2004), a obra constitui exemplo de transição do modelo racionalista para o modelo científico que vem implantar-se nas últimas décadas do século. De caráter idiossincrático. O advérbio é daquelas classes gramaticais em que mais se logra obter convergência conceptual. Sua definição mais disseminada, até hoje praticamente imutável nos estudos vernáculos, é de palavra invariável modificativa do verbo, do adjetivo e de outro advérbio. O conceito de advérbio, entre nós, não vai além do que residia na gramática latina, até porque esse é o conceito que conseguiu igual amparo nas principais gramáticas de língua vernácula estrangeira.	Segundo Cavaliere, primeiro a resenhar estudos filológicos brasileiros. Faz à hipótese de classificação de palavras em nocionais e relacionais, considerada ultrapassada. Referências as fontes europeias da Linguística geral vernaculista. Esse descritivismo por menorizado tinha, além do fim óbvio de levar às últimas consequências o princípio do experimentalismo indutivo, outro mais pragmático: o trabalho de Maciel entrava no mercado para figurar entre os compêndios mais usados nas classes de Língua Portuguesa.

			(CAVALIERE, <i>op. cit.</i> 299)	
O Advérbio	1) Artigo como classe independente;	“Advérbio é uma palavra que se ajunta ao nome ou ao verbo, pra mudar suas significações. Os advérbios se dividem quanto às suas formas e significações” (p.43)	- Palavra invariável “palavra invariável que, juntando-se a um verbo, participio, adjetivo ou até mesmo a outro advérbio, modifica-lhes o alcance de significação” (GRIVET, 1881: 185). “o advérbio nunca deixa de ser analiticamente.	- Palavrainvariável “Advérbio é uma palavrainvariável modificativa do verbo, do adjectivo e até de outro advérbio, ex.: muito aprendemos, muito alto, muito dignamente. a) Proprios ou essenciaes, isto é, palavras de natureza adverbial, ex.: sempre, nunca, assim, hoje; b) Palavras adverbiadas, isto é, palavras, geralmente adjectivos exercendo a função de advérbio, ex.: falar alto, vender covo, chegar primeiro, gostar imenso (i), cortarrente, etc. c) Expressões adverbias, isto é, um grupo de palavras equivalente integralmente a um advérbio, ex.: com

				alegria, de perto, de manso, pouco a pou- co, de quando em quando, ás di- reitas, a olhos vistos, etc. (p. 142).
--	--	--	--	--

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. *Breve compendio de grammatica portugueza*. Recife, Pernambuco, 1873.
- CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.
- CAMARA JR., J. M. Dicionário de linguística e gramática. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: AoLivroTécnico, 1976.
- FÁVERO, Leonor Lopes. MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no Século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- GRIVET, Charles. *Nova gramática analítica da língua portuguesa*, 1881.
- ILARI, R. *Linguística romântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- KOERNER, E. F. K. On the problem of 'influence' in Linguistic Historiography. In: _____. *Practicing Linguistic Historiography*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. p. 31-46, 1989.
- MACIEL, Maximino Araújo. *Grammatica Descriptiva – Baseada nas doutrinas modernas*. 2. Milheiro da 5. ed. Rio de janeiro
- REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica portuguesa*. 2. ed. Maranhão, 1871
- TODOROV, T., DUCROT, O. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.